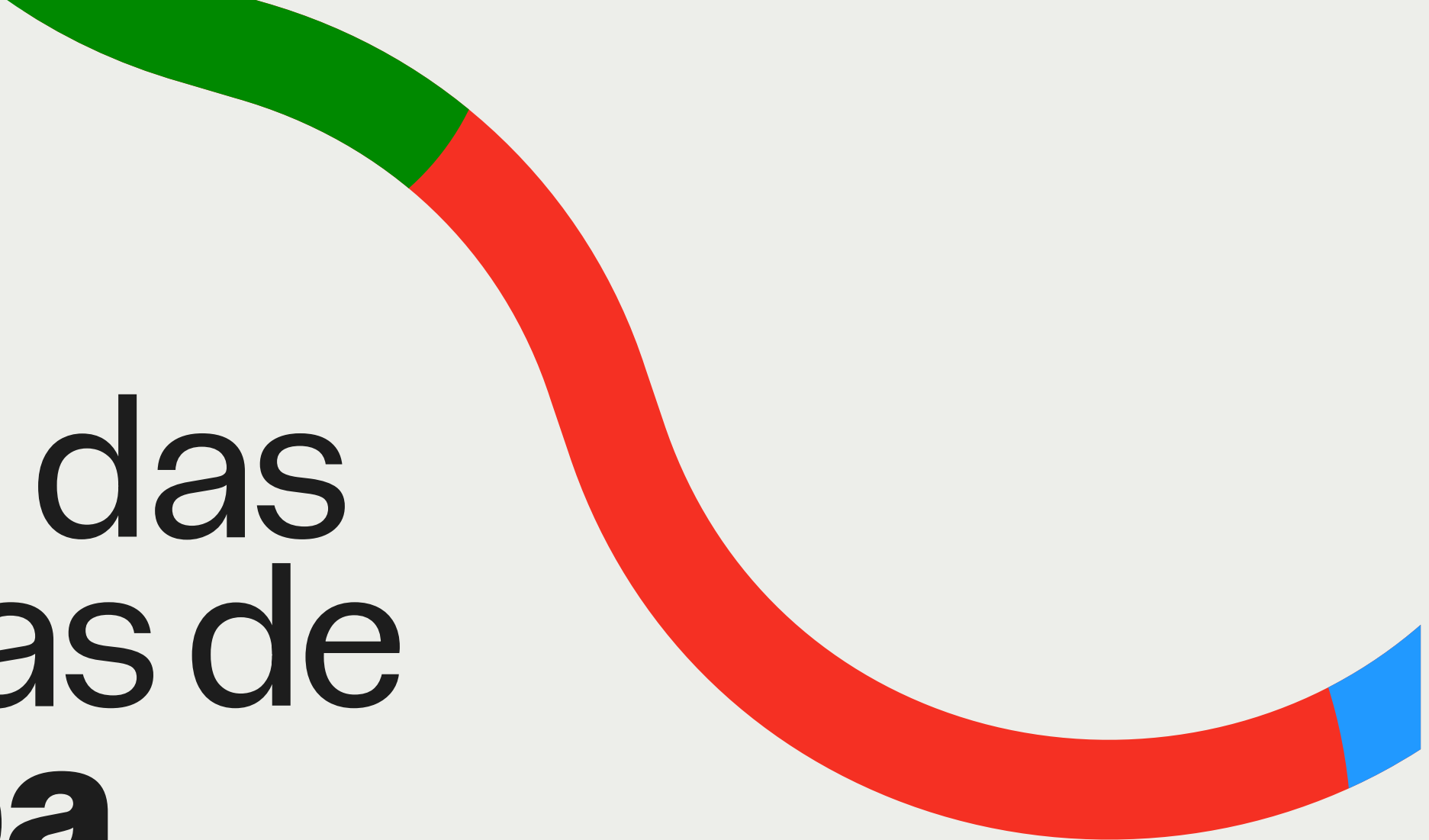




SAIBA MAIS

Antes das
escolas de
samba



Antes das escolas de samba

O Carnaval carioca começou muito antes das escolas de samba, da Sapucaí e dos desfiles que hoje projetam o Rio para públicos diversos. A festa foi se formando aos poucos, com brincadeiras de rua, música, máscaras, disputa, organização popular, presença negra e sucessivas tentativas de controle.

Por volta de 1600, aparecem os primeiros registros do entrudo, uma brincadeira feita com água e limões-de-cheiro, que muitas vezes passava do limite e podia envolver pedras, dejetos e situações de violência.

Entre 1604 e 1608, o governo tentou proibir as práticas mais agressivas do entrudo. A população, porém, seguia encontrando maneiras de brincar. Em 1641, a cidade celebrou a aclamação de D. João IV, rei de Portugal, com máscaras, música e festa pública. Parte da pesquisa histórica considera esse episódio o marco inicial das manifestações carnavalescas oficiais no Rio de Janeiro. Depois, entre 1680 e 1691, novas proibições tentaram controlar o entrudo, as máscaras e os encapuzados nas vias públicas.



No século XVIII, a festa passou por novas transformações. Em 1748, aparecem as Folias Negras e a Coroação dos Reis do Congo, práticas que ajudaram a formar caminhos para os futuros Congos e Cucumbis. Entre 1763 e 1786, o Carnaval ganhou contornos de espetáculo em festas ligadas a nascimentos e casamentos reais, com carros alegóricos chamados de préstitos. Antônio Francisco Soares, idealizador de alegorias naquele período, aparece como um dos nomes associados a essa primeira organização visual da festa. Entre 1790 e 1795, práticas como a Serração Velha e a Folia do Rei Baltazar também levaram música e dança negra ao calendário anterior à Quaresma.

No século XIX, o entrudo ainda era uma das brincadeiras populares mais presentes. As ruas se enchiam de água, farinha, limões-de-cheiro, provocação e riso. Era uma festa de improviso, muito direta, em que o corpo participava diretamente da brincadeira. Ao mesmo tempo, autoridades e elites tentavam reduzir essa forma de brincar e criar um Carnaval mais controlado, mais organizado e mais próximo dos modelos europeus.

Em 1816, a Missão Francesa chegou ao Rio de Janeiro. Jean-Baptiste Debret, artista francês que registrou cenas da vida urbana brasileira, ajudou a documentar costumes, personagens e festas da cidade. Nas décadas seguintes, o comércio de máscaras cresceu na Rua do Ouvidor, os bailes ganharam espaço e os salões passaram a receber ritmos como a polca e o xote. A festa das ruas e a festa dos salões começaram a conviver, cada uma com seus próprios códigos.

Em 1848, José Nogueira de Azevedo Paredes, sapateiro português, saiu às ruas com um bumbo e criou o Zé Pereira. A batida forte do bumbo mudou a ocupação sonora do Carnaval de rua e deixou um refrão que atravessou gerações: “Viva o Zé Pereira, viva o Carnaval!”. Poucos anos depois, entre 1853 e 1855,



o entrudo foi sendo reduzido com mais força pelas autoridades, enquanto surgia o Congresso de Sumidades Carnavalescas, abrindo a fase das Grandes Sociedades.

As Grandes Sociedades carnavalescas defendiam um Carnaval grandioso, elegante e inspirado nos modelos europeus. O Clube dos Fenianos, os Tenentes do Diabo e o Clube dos Democráticos desfilavam com carros alegóricos luxuosos, fantasias sofisticadas, bandas de música e críticas satíricas à política e aos costumes. Seus cortejos passavam por lugares importantes do centro do Rio, como a Rua do Ouvidor, a Praça Tiradentes e, mais tarde, a Avenida Central, atual Avenida Rio Branco.

Henrique Fleiuss, caricaturista alemão radicado no Brasil, também ajudou a popularizar a figura do Rei Momo entre as décadas de 1860 e 1870.



Era um tempo em que o Carnaval começava a ganhar personagens, símbolos, imagens impressas, concursos e novas formas de aparecer diante da cidade.

Esse Carnaval também era espaço de disputa social. Enquanto foliões mascarados, sujos e grupos populares mantinham brincadeiras mais espontâneas, as Grandes Sociedades defendiam uma festa mais disciplinada e alinhada ao projeto de modernização urbana. Mesmo assim, esses desfiles participaram de debates importantes. Maria Clementina Pereira Cunha, historiadora e autora de *Ecos da Folia*, analisa como o Carnaval do século XIX também funcionou como espaço de intervenção política. Nas décadas de 1870 e 1880, em meio às



campanhas abolicionistas, alegorias e sátiras passaram a falar de liberdade, progresso e crítica à escravidão.

Um episódio mostra bem essa aproximação entre Carnaval e abolicionismo. Em 1864, os Tenentes do Diabo teriam destinado recursos previstos para festejos carnavalescos à compra de cartas de alforria para pessoas escravizadas. Como os cortejos reuniam multidões nas ruas do centro do Rio, essas mensagens circulavam para muito além dos espaços políticos tradicionais. A festa também levava para a rua as tensões raciais, os debates sobre cidadania e as disputas em torno da liberdade.

Nesse ambiente, os cordões também ganharam força. Eneida de Moraes, escritora e pesquisadora do Carnaval carioca, registra que o termo “cordão” apareceu no jornal Diário de Notícias para designar grupos de foliões mascarados e combativos. Com os concursos entre esses grupos, a cidade começou a experimentar uma lógica de disputa carnavalesca que, mais tarde, também marcaria as escolas de samba.

Entre o entrudo, os cordões, os bailes e as Grandes Sociedades, os ranchos carnavalescos passaram a ocupar um lugar decisivo. Eles surgiram no final do século XIX e cresceram nas primeiras décadas do século XX. Renata de Sá Gonçalves, antropóloga e autora de Os Ranchos Pedem Passagem, mostra que o Carnaval carioca desse período reunia muitas



formas de folia ao mesmo tempo: ranchos, cordões, clubes, grêmios, sociedades carnavalescas, mascarados e foliões independentes disputavam espaço nas ruas.

Havia centenas de associações carnavalescas nos primeiros anos do século XX. Muitas mudavam de nome, trocavam de sede ou desapareciam rapidamente. O Carnaval ainda estava em processo de organização, com grupos muito diferentes convivendo na mesma cidade. Pelas ruas, circulavam também os chamados sujos, foliões sem vínculo formal com agremiações, mantendo a dimensão mais livre e improvisada da festa.

Os ranchos trouxeram outra forma de desfilar. Eles tinham cortejo organizado, figurinos, acompanhamento musical, porta-estandarte, instrumentos, evolução coreográfica e enredo. Com isso, o Carnaval começava a ganhar uma narrativa mais estruturada. A festa seguia popular, dançada, ritmada e corporal, mas agora também apresentava história, sequência e organização visual.

Muitos ranchos nasceram em bairros populares, regiões portuárias e subúrbios ocupados pela população negra e trabalhadora.

A Pequena África, formada por áreas como Saúde, Gamboa, Santo Cristo e Cidade Nova, teve papel central nesse processo.

Entre os ranchos mais conhecidos estavam o Ameno Resedá, no Catete; o Flor do Abacate, na Cidade Nova; o Rei de Ouros, na Saúde; o Kananga do Japão, no Estácio; e o Rosa Branca, no Catumbi, ligado à casa de Tia Ciata.

Hilário Jovino Ferreira, liderança cultural ligada aos ranchos carnavalescos, foi um nome fundamental nessa virada. Baiano radicado na região da Saúde e da Gamboa, ele trouxe influências das procissões, dos cortejos afro-baianos e das festas populares negras. Fundou o Flor do Sereno, em 1901, e aparece ligado ao Rei de Ouros, rancho que ajudou a transferir formas de organização do ciclo do Dia de Reis para o Carnaval.

Hilário Jovino circulava no mesmo ambiente de Tia Ciata. Liderança religiosa e cultural da Pequena África, ela reunia música, religiosidade, comida, rodas de samba, batuques e encontros

comunitários. Sua casa era um dos principais pontos de encontro da cultura negra carioca. Roberto Moura, pesquisador e autor de Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro, descreve esse espaço como uma casa ampla, com sala de visitas, quartos, cozinha, despensa e um quintal de terra batida, onde aconteciam sambas, batuques e cerimônias religiosas.

Pela casa de Tia Ciata passaram nomes como Donga, compositor ligado aos primeiros registros do samba urbano, João da Baiana, sambista e percussionista fundamental na formação do samba carioca, Pixinguinha, músico e compositor decisivo para a música brasileira, e o próprio Hilário Jovino. Ali, música, religiosidade, culinária, festa e Carnaval se misturavam na convivência comunitária. Em um Rio marcado por repressão, racismo e reformas urbanas que expulsavam populações negras e pobres das áreas centrais, esses espaços ajudaram a preservar práticas culturais afro-cariocas.



Tia Bebiana, liderança baiana negra no Rio de Janeiro, também aparece nessa rede. Ainda na década de 1880, ela organizava a Festa da Lapinha no Largo de São Domingos, reunindo ranchos, pastoris e cortejos populares. Essas mulheres ajudaram a manter vivas formas de encontro, celebração, religiosidade e música que seriam fundamentais para a formação do samba urbano.

Os ranchos também mantinham relações de humor, rivalidade e convivência. O rancho Bem de Conta, ligado a Hilário Jovino, ironizou o Rosa Branca, que respondeu com o sujo O Macaco é Outro. Esse tipo de provocação mostra como a festa também era feita de brincadeira, disputa e resposta pública.

Enquanto os ranchos ampliavam a presença popular no Carnaval, as elites urbanas criavam outras formas de participar da folia. Em 1907, Eneida de Moraes, escritora e pesquisadora do Carnaval carioca, identifica o surgimento simbólico do curso no Rio de Janeiro. Naquele ano, as filhas de Afonso Pena, presidente do Brasil, percorreram a Avenida Central em automóveis abertos durante o Carnaval. A cena chamou atenção e logo foi imitada por grupos da alta sociedade. Carros ornamentados passaram a circular pela avenida, com foliões cantando marchinhas e lançando serpentinas, confetes e lança-perfumes.

Em 1919, depois da gripe espanhola, o Carnaval ganhou outro sentido para a cidade. A doença havia provocado milhares de mortes no país e levado ao falecimento de Rodrigues Alves, presidente eleito do Brasil, que foi substituído

por Delfim Moreira, então vice-presidente. Depois do luto e da crise sanitária, a festa marcou a retomada da vida urbana e da celebração coletiva. Foi nesse contexto que surgiu o Cordão da Bola Preta, que mais tarde se tornaria um dos blocos mais tradicionais do Rio de Janeiro.

Toda essa história vem antes das escolas de samba. O Carnaval carioca foi sendo construído por diferentes mãos, sons e formas de ocupar a cidade: entrudo, máscaras, bailes, Zé Pereira, Grandes Sociedades, cordões, corsos, ranchos, casas de tias baianas, rodas, batuques e cortejos. Quando as escolas de samba apareceram, elas encontraram uma cidade que já tinha aprendido a transformar festa em música, disputa, crítica, pertencimento e criação coletiva.



MINISTÉRIO DA CULTURA E PETROBRAS
APRESENTAM



PETROBRAS
cultural



VISITAÇÃO
29.OUT - 26.JAN
terças a quinta-feiras e domingos
10h às 18h
sextas e sábados
10h às 20h
Cidade do Samba - Gamboa
barracão 14



PATROCINADOR OFICIAL



PRODUÇÃO



APOIO DE MÍDIA APOIO DE CONTEÚDO INGRESSOS

